

VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo
Comida e alimentação na sociedade contemporânea
9,10 e 11 de novembro de 2016
Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

RESFRIANDO A VIDA:

Notas introdutórias sobre os serviços de criônica a partir da perspectiva dos estudos de biopolítica

Paola Mazzilli¹

Amanda Ovando²

RESUMO

Este artigo pretende problematizar a oferta dos serviços de criônica na atualidade, atentando para suas implicações no campo da biopolítica. Para tanto, propomos uma discussão acerca das novas acepções de corpo que emergem no cenário contemporâneo, marcado por uma biologização da vida. Ao longo de nossa argumentação, apresentamos o conceito de “corpo molar” e a figura do “*self*-empreendedor”. Refletimos, então, sobre o medo da morte e algumas práticas comerciais que passam a flertar com essa questão, elegendo a criônica como objeto privilegiado de estudo. Para ilustrar esse fenômeno de consumo, realizamos uma rápida apresentação de suas características, problematizando-as a partir das discussões propostas até então. Além da revisão bibliográfica específica, a partir de autores como Foucault, Rose, Santos, Bauman, Sibilía, entre outros, valemo-nos também de uma pesquisa documental dos *sites* instrucionais das quatro empresas de criônica que existem atualmente. Vale notar que essa pesquisa não teve como objetivo fazer uma apresentação detalhada sobre as estratégias de comunicação dessas empresas, propriamente ditas, mas apenas situar-se em relação às práticas desse mercado.

PALAVRA-CHAVE: Serviços de criônica, Morte, Biopolítica

¹ Doutoranda no curso de Psicologia Clínica e no curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Professora dos Cursos de Ciências Sociais e do Consumo e de Comunicação Social da ESPM-SP, e-mail: paola@espm.br.

² Graduada em Comunicação Social com habilitação em Propaganda e Marketing da Escola Superior de Propaganda e Marketing - São Paulo, e-mail: ovando.amanda@gmail.com

INTRODUÇÃO

Partindo das discussões sobre corpo, subjetividade e cultura do consumo, este trabalho pretende refletir sobre novas práticas advindas da criogenia. Ramo da físico-química e da engenharia que se dedica ao uso de temperaturas extremas abaixo de zero, a criogenia vem se configurando como um campo de estudos particularmente interessante para debatermos o estatuto da vida na contemporaneidade, na medida em que se tornou possível congelar o corpo, ou partes dele.

Após descobertas em 2007 relativas às células-tronco, encontradas nos cordões umbilicais dos recém-nascidos e na polpa do dente, aqueceu-se a discussão em torno desse campo da biomedicina. Com a promessa da ciência de que, por meio do congelamento desses materiais algumas doenças poderiam ser prevenidas e futuramente tratadas, empresas começaram a se especializar nesses serviços.

Visando à preservação de óvulos, a comercialização de espermatozoides, o armazenamento de tecidos para tratamentos estéticos ou acidentes, configurou-se um verdadeiro mercado de “congelamento” nos últimos anos. Nesse artigo, privilegiamos um segmento específico dessas ofertas, a criônica: uma técnica que preserva corpos em temperaturas extremamente baixas na expectativa de trazê-los “de volta à vida” no futuro. Dentre todos os “serviços” de que temos notícia na atualidade e que flertam com as questões corporais, envelhecimento, morte e ausência, a criônica desperta curiosidade pois não se posiciona plenamente em nenhuma categoria.

Apesar de ser uma tarefa difícil classificar esse tipo de serviço, o fato é que tal prática é bastante reveladora de uma série de aspectos próprios da atualidade. Bauman (2008) aponta que a sociedade líquido-moderna permitiu desenvolver alguns mecanismos culturais que buscam transformar o medo da morte em algo “tolerável”. Nesse sentido, a busca pelo controle e administração da vida, por parte do *self-empresendedor*, e uma série de “ferramentas de otimização” se tornam um *locus privilegiado* para novos engendramentos subjetivos (SIBILIA, 2002). Tal constatação é fundamental para os estudos de biopolítica, que hoje assumem outras perspectivas em função de um processo de biologização da vida, como sugere Rose (2011).

Cabe ressaltar, que os serviços de criônica, envoltos por um ideal de imortalidade possuem preços consideravelmente elevados. Aqueles que desejarem se congelar em uma câmara na temperatura de -197°C precisam arcar com uma quantia de pelo menos U\$ 28.000,00³. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa vale-se tanto de uma revisão bibliográfica de autores como Foucault, Rose, Bauman, Santos Sibilía, quanto de pesquisa documental, com o propósito de ilustrar tais práticas de mercado.

De maneira mais sistemática, propomos três momentos de discussão: o primeiro deles versa sobre questões do corpo e suas implicações no campo da biopolítica; o segundo aborda a questão da morte, do

³ Disponível em <<http://www.alcor.org>> acesso: abril/2015

medo e da tentativa de administrá-los; já o terceiro momento reflete sobre a oferta de serviços de criônica, apresentando suas características gerais a partir de uma pesquisa documental que foi realizada no site das quatro empresas que estão atuando, até o presente momento, nesse seguimento: *Alcor, Cryonics Institute, Kriorus e Transtime*.

O CORPO MOLAR E O *SELF*-EMPREENDEDOR

Antes que possamos discutir os serviços de criônica que surgem no cenário atual e suas implicações para pensarmos novas acepções de corpo e mesmo da vida, é importante sinalizarmos a partir de que pilares teóricos propomos nossa análise. Partimos, assim, das discussões sobre biopoder, a partir da contribuição de autores como Foucault (2008), Deleuze (1995) e Rose (2011).

Tal como Foucault, entendemos que, para além de sua obviedade física, o corpo corresponde a um lócus privilegiado para observarmos os discursos sociais, a partir dos quais se engendram complexas relações de poder que são absolutamente reveladoras de sua época. Para os fins específicos deste artigo iremos destacar suas reflexões sobre o período de transição do século XVIII para o XIX quando, segundo o autor, ocorre “a assunção da vida pelo poder, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico”. (2008, p.285).

Tal passagem nos interessa na medida em que representa uma mudança de chave fundamental nos estudos de biopolítica. Afinal, é com a queda do poder soberano, tal qual intitulado por Foucault, e sua autoridade para “causar a morte” dos sujeitos que se estabelece uma forma diferente de governo e exercício do poder. O controle da vida deixa de se situar na possibilidade de sua interrupção, deslocando-se para uma forma de controle da “vida em vida”.

Essa última, que passa a ser alvo de investimento, faz emergir uma acepção diferente de corpo. Afinal, este passa a ser alvo de diferentes mecanismos de controle por meio de técnicas que buscam corrigi-lo e docilizá-lo⁴. Dentro dessa perspectiva, destacamos o papel de instituições normalizadoras, como é o caso de escolas, penitenciárias e academias militares⁵.

Foucault batiza os métodos que permitem sujeitar e impor a relação docilidade-utilidade de “disciplinas”, as quais visam ao mesmo tempo aumentar o domínio de cada um sobre o próprio corpo e estabelecer uma relação que o torna tanto mais obediente quanto mais útil. Este processo é descrito de maneira bastante minuciosa em sua obra, quando analisa a maleabilidade do corpo em função de uma espécie de “ortopedia social”. O Estado, nesse caso, torna-se o grande responsável

⁴ “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2008, p.126).

⁵ Foucault ilustra a evolução do domínio corpóreo por meio dos exércitos: até a metade do século XVIII existiam arquétipos e padrões, tanto físicos quanto comportamentais, os quais eram indispensáveis e substanciais para ingressar na carreira militar. Já na segunda metade do século XVIII o soldado tornou-se algo passível de ser “fabricado” a partir de um “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 2008, p.117).

por uma nova gestão da vida que, na sociedade industrial, também é pensada dentro das exigências de produtividade.

Ainda que até hoje possamos verificar uma série de mecanismos típicos da lógica do poder disciplinar, o fato é que já estamos diante de outras formas de gestão da vida, mais próximas do que Foucault chamou de biopoder. O biopoder seria como uma “evolução” do poder disciplinar, pensado dentro de uma perspectiva de cálculo e administração de grandes populações, cujo exercício se daria a partir das práticas de autogoverno.

Conforme elucida Foucault, essa outra modalidade de poder, que passa a existir concomitantemente ao poder disciplinar, é muito mais sutil, porém extremamente eficiente, uma vez que os sujeitos são levados a assumirem a responsabilidade pelo autocontrole. É dessa forma que o poder torna-se disperso, ou como sugere Deleuze (1995), pulverizado, flexível e flutuante, e passa a se relacionar com numerosas técnicas, anatômicas e biológicas, cujo propósito é a gestão do próprio corpo.

Foucault denominou tais modos de avaliação e atuação como tecnologias do *self*. Seriam elas, na dimensão da Ética⁶, aquelas que permitem aos indivíduos realizarem, por seus próprios meios (ou com a ajuda de outros), operações em seus corpos e almas. Tal intervenção estaria motivada por pensamentos, condutas e formas de ser que, a princípio, possibilitariam atingir algum “estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade”.

Na tentativa de compreender estas práticas de autogoverno, no cenário da biomedicina atual, Rose (2013) propõe uma leitura que vem sendo bastante discutida. Iremos nos ater, nesse trabalho, principalmente à sua contribuição no livro *Políticas da Própria Vida*.

Rose pontua cinco "tendências" ou "sintomas" que acompanhariam as descobertas nos campos científicos e biológicos na atualidade.

A primeira é a *Molecularização*, termo que o autor explora bastante, relacionando-o principalmente ao corpo do indivíduo – que é visto como corpo molar – e, com artifícios da biomedicina, é passível de recombinação, isolamento e manipulação em níveis genéticos.

A segunda é a *Otimização*, um assunto amplamente observado em diversos âmbitos da sociedade, que caminha paralelamente e converge na questão de potencial futuro, uma vez que o objetivo é assegurar o máximo aproveitamento, mesmo que isso implique alguma abnegação momentânea.

Já a terceira, a *Subjetificação*, trata da emergência de uma nova ética que abrange a cidadania biológica e todas as suas minúcias somáticas.

Rose coloca a *Expertise Somática* como mais um ponto de atenção, uma vez que novos temas fazem emergir novas especializações, novos debates, novos impasses.

⁶ Essa dimensão que ele intitula “ética” se refere ao ato de analisar, decifrar e agir sobre o próprio indivíduo, partindo do pressuposto de que há algo correto, normal, desejado, assim como a oposição a tudo isso.

Por fim, e talvez a mais pertinente ao tema central deste estudo, está a *Economia da Vitalidade*, uma nova perspectiva econômica, sobre a qual o capital recai na matéria viva, o chamado biocapital ou biovalor, compondo uma bioeconomia.

Ao se referir ao corpo molar, Rose (2013) adota a definição de um corpo passível de interferências, modificações, aperfeiçoamento e recombinação, algo que hoje em dia vemos ocorrer em larga escala, inclusive de "dentro para fora". Esse é um conceito que evoluiu muito nos últimos anos, uma vez que, no passado, as modificações e "otimizações" não alcançavam, como vimos, as profundezas do corpo molar.

De fato, experimentamos hoje "níveis cromossômicos de liberdade individual". Eliminando tecidos, desenvolvendo aptidões, exercitando competências e reorganizando moléculas, vamos expandindo nossa capacidade de manifestar o poder sobre o corpo. Como consequência, a biologia torna-se uma importante ciência especulativa.

Essa faceta contemporânea do biopoder nos faz assumir uma postura de vigilância. Afinal, queremos prever doenças, problemas de saúde e qualquer tipo de limitação que o corpo possa vir a apresentar. Daí a importância do diagnóstico "pré-sintomático" para os geneticistas, médicos, cientistas e pacientes.

Acontece que, por mais prevenidos que possamos ser, e, por mais técnicas de que possamos dispor, não há como driblar a passagem do tempo. Assim, o envelhecimento, por si só, já seria um alerta para uma tomada de iniciativa, uma vez que anunciaria os perigos da falência do corpo.

Envelhecemos, contudo, desde o momento em que nascemos. E o corpo com o qual nascemos, por sua vez, é um grande sinalizador de como será esse processo, ao menos no que tange nossas pré-disposições genéticas. Com isso, o poder sobre o corpo molar precisaria agir com eficiência desde o princípio, antes da gravidez, durante a gravidez e após o nascimento, prevenindo doenças e soluções que já existem e outras que podem surgir no futuro. Daí seu inegável potencial em uma sociedade do consumo (BAUMAN, 2008).

Dessa maneira, mesmo que não saibamos a melhor forma de investir no corpo molar, o importante é dispor de recursos que se possam tornar decisivos para decifrá-lo e reprojotá-lo. Santos (2003, p.128) aprofunda-se nesse debate ao discorrer sobre essas questões a partir do prisma da genética:

Não se sabia, e ainda muitas vezes não se sabe o que fazer com tais recursos genéticos. O que importava era sua apropriação antecipada. A lógica de tais operações é a seguinte: os seres biológicos – animais, vegetais e humanos – não tem valor em si, como existentes; o que conta é seu potencial. Para sobreviver, bem como para consumir, é preciso se antecipar.

Esse é um dos contextos em que a criogenia torna-se alvo de nosso debate: no armazenamento de material genético, partes do corpo, tecidos, sangue, ou qualquer tipo de material

que possa vir a curar efemeridades. No limite, congelando o próprio corpo, na tentativa de driblar a morte, até que outro final se apresente como alternativo.

Práticas como as que foram citadas acima revelam uma percepção muito contemporânea sobre o futuro. Como lugar indefinido, ele seria também um laboratório de experimentação, onde problemas não equacionados poderiam ser desafiados. Para isso, contudo, seria necessário empreender. Tomar medidas estratégicas e de preferência imediatas, com o propósito de construir o futuro, ao invés de apenas aguardar sua chegada.

Este indivíduo que determina por meio de escolhas estratégicas seu futuro, realização e satisfação, é denominado por Rose como *self*-empreendedor, uma vez que personifica a própria cultura empreendedora, cujos princípios de administração e de investimento visam a maximizar os “bons resultados”.

Em outras palavras, o *self*-empreendedor é pautado pela autodireção, autocontrole e busca ininterrupta por satisfação, excelência e realização. Tudo sempre na maior medida. Suas ações são conduzidas por um *ethos* neoliberal de busca individual por performance, segundo o qual é tornar-se tudo aquilo que se deseja ser. Nas palavras de Rose:

Torne-se inteiro, torne-se o que você quiser, torne-se você mesmo: o indivíduo deve tornar-se, por assim dizer, um empresário dele mesmo, procurando maximizar seus próprios poderes, sua própria felicidade, sua própria qualidade de vida, embora aprimorando essa autonomia e, assim, instrumentalizando suas escolhas autônomas a serviço do seu estilo de vida. O *Self* deve moldar sua vida através de atos de escolha, e quando não conseguir conduzir sua vida de acordo com normas de escolha deve procurar ajuda especializada. No território da terapêutica, a conduta da existência diária está remodelada como uma série de problemas manejáveis a serem compreendidos e resolvidos pelo ajuste técnico em relação à norma do *Self* Autônomo, aspirando Autodomínio à felicidade (ROSE, 2011, p.220).

Partindo dessa perspectiva, o problemático parece ser a interrupção do movimento, a falta de ambição para querer mais, projetar mais, ainda que para isso seja necessária ajuda especializada. Essa constante atualização em muito se aproxima do que Sibilia (2002, 2006) descreve como sendo os *upgrades* necessários. Ilusão de domínio absoluto do corpo e do destino.

Em *Medo Líquido*, Bauman (2007) argumenta que a morte é o aniquilamento do futuro, passado e presente. A anulação de tudo que se planeja e de tudo que já se conquistou. Enfim, a interrupção do projeto da vida. Por isso, causa tanto medo.

Na mesma linha de argumentação, Rose (2011) descreve o sofrimento, a decepção, frustração e própria morte como grandes ameaças ao *self* autônomo, pois atingem diretamente as imagens de autodomínio, poderes onipotentes, satisfação e felicidade. Portanto, para novas

terapêuticas da finitude, o sofrimento não deve ser tolerado, mas sim remodelado por meio da *expertise*, tornando-se mais um desafio aos poderes do *self*.

O MEDO DA MORTE

Morte (do latim *mors*), óbito (do latim *obitu*), falecimento (falecer+mento), passamento (passar+mento), ou ainda desencarne (deixar a carne), são sinônimos usados para se referir ao processo irreversível de cessamento das atividades biológicas necessárias à caracterização e manutenção da vida em um sistema outrora classificado como vivo. Após o encadeamento da morte o sistema não está mais vivo. Os processos subsequentes (*post-mortem*) normalmente são os que conduzem à deterioração dos sistemas. Dependendo de fatores e condições ambientais, processos diferentes podem sucedê-la, como aqueles que levam à mumificação natural ou à fossilização de organismos.⁷

Se o conceito da vida já é algo difícil de determinar, por se tratar de uma intrincada e complexa combinação de matéria, somado a “algo além”, o conceito de morte abarca várias outras indagações. Afinal, a vida está presente na nossa consciência e é experimentada na realidade concreta. Já a morte, não. Toda a nossa experiência a respeito dela decorre do contato com a morte do outro.

Ao se observar o conceito médico de morte ao longo dos anos, constata-se que a definição está sujeita a múltiplas perspectivas, modificando-se, ao passo que as ciências e tecnologias avançam. Portanto, não é pretensão deste artigo elucidar o que viria a ser o momento da morte, mas sim, problematizar essa tentativa de “negociá-la”, como algo que também convocará novos significados para a vida e a morte na contemporaneidade.

O cientista russo Élie Metchnikoff, no século XIX, foi responsável por muitas descobertas no campo da microbiologia (por exemplo, descobrindo a fagocitose⁸). Defendia que, sem uma atenção sistemática à morte, as ciências da vida não estariam completas. Com base nesse argumento, ele se dedicou à criação de uma disciplina especial dentro da ciência destinada aos estudos específicos da morte.

Suas ideias eram baseadas numa pesquisa interdisciplinar que recaía sobre o fato dos estudantes de medicina examinarem apenas cadáveres e não terem quase nenhuma instrução ou conhecimento a respeito dos desvanecidos ou qualquer investigação sobre a causa da morte dos pacientes. Por falta de apoio dos estudiosos e educadores da época, suas ideias apenas foram implementadas ao longo das décadas que se seguiram.

⁷ Definições obtidas no dicionário Michaelis em março de 2016.

⁸ Processo o qual os protozoários realizam a sua alimentação.

Com a Segunda Guerra Mundial, todavia, o mundo se deparou com um número assustador e sem precedentes de óbitos, o que serviu de estímulo e inspiração para muitos filósofos e estudiosos repensarem as questões existenciais de vida e morte. Com origem nesses estudos, foi criada a base para um campo que atualmente é conhecido como Tanatologia.

Do ponto de vista biológico a morte pode ocorrer para “todo o organismo” ou apenas para “parte dele”. Neste último caso, poderíamos pensar em células individuais, ou mesmo órgãos, que podem morrer, ainda que o organismo do qual faziam parte permaneça vivo. Também é possível que um animal continue vivo, mas sem sinal de atividade cerebral (morte cerebral). Nestas condições, tecidos e órgãos vivem e podem ser usados para transplantes.

Entretanto, existem casos particulares que chamam atenção, como é o caso de um grupo de animais invertebrados denominados Rotíferas⁹. Estes animais podem "cessar" o metabolismo quando, por algum motivo, enfrentam circunstâncias ambientais adversas. A isso se dá o nome de Criptobióse. Esses animais podem se manter nesse estado por meses ou anos até que as condições se restabeleçam e, então, possam "reativar" seus metabolismos.

Tudo isso evidencia a dificuldade para definirmos o momento exato da morte. Isso porque, até então, sequer mencionamos o aspecto jurídico. A justiça americana, por exemplo, legitimou em sua constituição uma “zona da morte”, que consiste basicamente na subordinação do momento da morte a uma definição pessoal, isentando assim, o Estado de uma responsabilidade tão sinuosa e oblíqua.

No modelo estadunidense, o cidadão tem a possibilidade de optar por ser ou não ressuscitado. Tudo isso é feito dentro de um nível apurado de detalhe em que é possível escolher as situações específicas em que consente tentativas de reanimação. Assim, há um espectro chamado “grau de reversibilidade”, sujeito a revisões a cada avanço científico no campo da biologia. Atualmente a definição médica brasileira de morte transita entre morte clínica, morte cerebral e parada cardíaca irreversível.

Todo ser vivo, que depende de um metabolismo, está sujeito a um ciclo de vida com começo, meio e fim. Apesar de todas as descobertas e técnicas desenvolvidas, até hoje não fomos capazes de alterar essa dinâmica de percurso e a morte permanece atormentando-nos com sua incógnita.

Em uma publicação sobre *Envelhecimento e Finitude*, a estudiosa no campo da Gerontologia e Tanatologia, Ligia Py propõe a seguinte reflexão: "na radicalidade da nossa condição de humanos e mortais, somos, na verdade, a morada da nossa própria morte. Gestamos a nossa morte durante toda a nossa vida, para lhe dar à luz no momento final, na hora solene e fatal da despedida da

⁹ Os Rotíferas ou rotíferos são um filo de animais aquáticos e microscópicos. Eles são capazes de entrar em criptobiose, que é verdadeiramente um estado de morte, o metabolismo é infinitamente baixo, na ausência de metabolismo e em desidratação quase total, os animais criptobioticos estão essencialmente mortos, mas capazes de reviver, por esse motivo os rotíferos sobrevivem em ambientes extremos Disponível em: <http://www.ucmp.berkeley.edu/phyla/rotifera/rotifera.html> >Acesso em: mar/2016

vida"¹⁰. Essa “morte gestada”, também aparece nas considerações de Bauman (2007) quando aborda o medo que temos da morte. Para o autor, nossa trajetória seria marcada por uma contagem regressiva, na qual cada amanhecer representaria um passo mais próximo do fim.

Bauman (2007) afirma que todos os animais convivem com o medo da morte de maneira primária e instintiva, reagindo às ameaças manifestas e imediatas. Entretanto só os humanos apresentam algo que cientistas da psicologia social chamam de “medo de segundo grau” (BAUMAN, 2007, p.9). Esse medo é resquício de uma experiência ou da consciência de suscetibilidade ao perigo, como ocorre, por exemplo, no medo da violência, do sofrimento, de doenças, acidentes ou ainda no medo da própria morte.

O medo de segundo grau é um medo que se manifesta em um estado de virtualidade e está direcionado para “além do que os olhos podem ver”. Ou seja, é um perigo latente para o *self-empendedor* que precisa desenvolver estratégias para driblá-la, dominá-la e até esquecê-la.¹¹

Um fato interessante evidenciado por Ariès (2000) em suas obras é a invisibilização da morte. Algo que anteriormente pertencia aos espaços públicos¹² ou mesmo envolvia uma parcela considerável da sociedade que se reunia para acompanhar a “passagem”, tornou-se também um evento oculto, privado e isolado. O trecho a seguir ilustra essa transformação da relação social com a morte:

O quarto do moribundo passou da casa para o hospital. Devido às causas técnicas médicas, esta transferência foi aceita pelas famílias, estendida e facilitada pela sua cumplicidade. O hospital é a partir de então o único lugar onde a morte pode escapar seguramente à publicidade – ou àquilo que resta – a partir de então considerada como uma inconveniência mórbida. É por isso que se torna o lugar da morte solitária. (ARIÈS, 2000, p.322).

Concomitantemente a invisibilização da morte, se manifesta também um processo contrário na atualidade. Em um cenário fortemente marcado pelas práticas de midiaticização da vida, morrer também se tornou um grande acontecimento de contemplação, segundo a lógica do espetáculo. Basta observar a morte de grandes celebridades *pop*, como foi o caso de Michael Jackson (BAUMAN, 2007)

Isso também vale para o sujeito comum. Se tomarmos como base o apelo do entretenimento factual televisivo, é possível notar que a morte, a violência e o sofrimento de pessoas desconhecidas, também é matéria prima da visibilidade sensacionalista. Entretanto, de uma forma ou de outra, há de se reconhecer que

¹⁰ Disponível em: <http://www.secscsp.org.br/files/edicao_revista/54042998-ac39-4be3-9805-7dbbec50fc38.pdf> acesso em: 23/mar/2016.

¹¹ Bauman enumera três mecanismos dos quais faríamos uso para conviver com o medo iminente da morte. O primeiro se pauta em negar a morte como um fim. Esse raciocínio visa a reforçar a ideia de que independente de um posterior juízo final, reencarnação ou eternidade, a morte não é um término definitivo. A segunda se escora nas ideias da memória póstuma, defendendo que caso alcançada fama ou algum destaque, apesar do corpo padecer, a lembrança do indivíduo será eternizada na história. Por fim, existe a ideia de marginalização, desvalorização da morte, que reforça a proposição de que o “agora” vale mais que o “depois”, e assim deveríamos nos importar com o presente e não com o futuro.

¹² Vide prefácio de: FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhet. 35a ed. Petropolis, RJ: Vozes 2008

a mesma morte que possui *status* e audiência, é ironicamente higienizada, evitada, guardando os segredos da degradação.

Pensando nessa “degradação” do ponto de vista mercadológico, é possível constatar que muitas empresas se propõem a desenvolver “soluções para administrar o envelhecimento” ou mesmo serviços para o momento da morte. Nesses casos, vale ressaltar a dificuldade de uma estratégia articulada de comunicação que consiga astutamente dialogar com o *self*-empreendedor. Com isso, alguns recursos discursivos são empregados com o objetivo de aliviar o incômodo do tema, apresentando a morte de maneira sutil, mitigada ou até bem humorada. Basta observar as estratégias de venda de seguros de vida, quando a morte, em tom jocoso, é associada a um imprevisto que simplesmente pode acontecer, conforme a expressão popular do “vai que...”. (HOLTZ e MAZZILLI, 2014).

Alternativa no discurso sobre esses serviços é adotar “uma lógica inversa”: ao invés de falar da dor da perda ou sofrimento causado pela doença, a publicidade aborda a morte explorando a vida feliz que a antecedeu, as boas lembranças que serão deixadas e a tranquilidade dos parentes que não terão que se preocupar com providências e burocracias no momento final. Cuidar da vida. Desfrutar da vida. Investir na vida. Esses são os preceitos básicos sobre os quais se solidifica o campo semântico de muitas soluções que flertam com a morte.

Cabe lembrar-se dos antídotos contra o envelhecimento que prometem eliminar as linhas de expressão do rosto como se, conseqüentemente, fosse possível apagar as linhas do tempo. Por mais superficial e aparentemente banal que pareça essa prática, está aí a responsabilidade diária do cuidado de si. Controle do corpo, que hoje precisa ter sua degradação controlada.

Nesse momento é curioso observar como a estatização do biológico, já prevista na leitura de Foucault, e o processo de molecularização do corpo, tal qual apresentado por Rose (2011), colocam-nos diante de um interessante paradoxo. Ao mesmo tempo em que o corpo está reduzido a sua biologia, também negamos certas leituras biológicas do corpo. Afinal, o corpo que é acidente da biologia é bem diferente daquele que já pode, por ela, ser programado, dominado e reanimado.

Partindo dessas discussões, iremos abordar um segmento de mercado que se desenha ainda de forma experimental: a criônica. Como ramo da criogenia, campo de estudo que investiga tecnologias para a produção de temperaturas baixas, a criônica consiste em uma técnica que preserva e “resfria” o corpo na expectativa de trazê-lo “de volta à vida” no futuro. Dentre todos os “serviços” que dialogam com a questão da morte na atualidade a criônica desperta interesse na medida em que não se posiciona plenamente em nenhuma categoria. Vamos tratar, no próximo tópico, desse serviço, apresentando em linhas gerais suas características.

RESFRIANDO A MORTE

Hoje a morte está difícil
Tem recursos, tem asilos, tem remédios
Agora a morte tem limites
E em caso de necessidade
a ciência da eternidade
inventou a criônica
Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.
(LEMINSKI, 1994, p.288)

Após descobertas em 2007 relativas às células-tronco, encontradas nos cordões-umbilicais dos recém-nascidos e na polpa do dente, aqueceu-se a discussão em torno do campo da biomedicina. Conseqüentemente, os estudos na área da criogenia também ganharam fôlego, já que por meio do congelamento desses materiais esperava-se prevenir/tratar uma série de doenças. Algumas empresas, contudo, despontam com ofertas ainda mais ousadas, oferecendo algo que até então se restringia à ficção científica: a criônica humana total.

A ideia é que se alguém vier a falecer em função de uma doença sem cura, seja possível preservá-la em suspensão criônica, resfriando seu corpo com o propósito de preservá-lo para reanimação no futuro.

Para Robert Ettinger, conhecido como o “pai da criogenia”:

Nós precisamos apenas nos preparar para ter os nossos corpos, após morrermos, armazenados em refrigeradores adequados contra o tempo quando a ciência puder ser capaz de nos ajudar. Não importa o que nos mate, seja por envelhecimento ou doença, e mesmo se técnicas de refrigeração ainda forem simples quando morrermos, mais cedo ou mais tarde os nossos amigos do futuro deverão ser capazes de nos reviver e nos curar. (ETTINGER, 1964, p.11, tradução livre).

Por se tratar de um serviço que nunca teve o processo concluído, as empresas que oferecem esse serviço se comprometem a “entregar apenas o congelamento”. Assim, afirmam que não é possível “comprovar” a qualidade e eficácia de seus serviços, uma vez que a etapa de descongelamento fica a cargo da evolução tecnológica.¹³

Atualmente há quatro empresas ao redor do mundo que oferecem este serviço de congelamento: *Alcor*, *Cryonics Institute*, *Kriorus* e *Transtime*. Todas dispõem de páginas na internet

¹³ Atualmente o maior dos desafios consiste na revivificação de células cerebrais sem danos. Até o momento a notícia mais “otimista” de que se tem notícia para essa ciência foi um rato completamente trazido de volta após ser congelado a -132°C através de um “aquecimento especializado, respiração artificial e choques elétricos para reativar os músculos.” Porém, quando o animal retornou estava comprometido e rapidamente morreu.

que podem ser acessadas de qualquer lugar do planeta. Abaixo, apresentamos uma tabela comparativa destas empresas.

Empresa	Preço em dólar	Dede	Standby Opcional	Congelamento de animais e armazenamento de tecidos	Pacientes	Membros	Site
Cryonics Institute	\$28,000	1976	Sim	Sim	136	1239	www.cryonics.com
Alcor	\$200,000	1974	Não	Sim	141	1042	www.alcor.org
American Cryonics Society	\$155,000	1969	Sim	Não	193	?	www.americancryonics.org
KrioRus	\$36,000	2005	Não	Sim	41	?	www.kriorus.ru/en
Trans Time	\$150,000	1972	Não	?	3	?	www.transtime.com

Tabela 1 - Empresas de Criônica

(Fonte: adaptada do site <http://www.cryonics.org/the-ci-advantage/> acesso em março de 2016)

Como é possível observar há uma diferença nos valores praticados, já que a empresa mais cara, *Alcor* chega a cobrar 614% a mais que o valor do *Cryonics Institute*. Com base nas informações disponibilizadas nos *sites* dessas empresas, não há diferença significativa no procedimento, o que nos levou a inferir que a variação de preço ocorre pelo fato de algumas empresas oferecerem, por exemplo, maior cobertura na assistência emergencial.

Algumas delas se dispõem, ainda, a congelar animais de estimação e tecidos humanos, evidenciando como as técnicas de congelamento oferecem inusitadas maneiras de preservar o presente e transportá-lo para uma necessidade ou desejo futuro.

Os humanos que já estão congelados por essas empresas são denominados de pacientes, termo que merece atenção por pressupor a vida. Mais ainda, a vida que está sendo tratada por especialistas. Finalmente, deve-se notar, a partir da tabela, que já há uma significativa adesão ao projeto da criônica, que pode ser identificado na quantidade de membros. Para se tornar membro de uma dessas empresas, é preciso responder a uma série de questionários, mostrar-se apto e disposto financeiramente, já que o pagamento é feito, evidentemente, antes do procedimento¹⁴.

A tabela abaixo indica, no caso específico da *Alcor*, como esse crescimento de membros veio ocorrendo nas últimas décadas.

¹⁴ Apesar da pouca informação a respeito do fluxo financeiro na maioria dos *sites*, todas as empresas se propõem a oferecer respaldo por meio de um fundo de investimento para quando ocorrer o eventual "descongelamento".

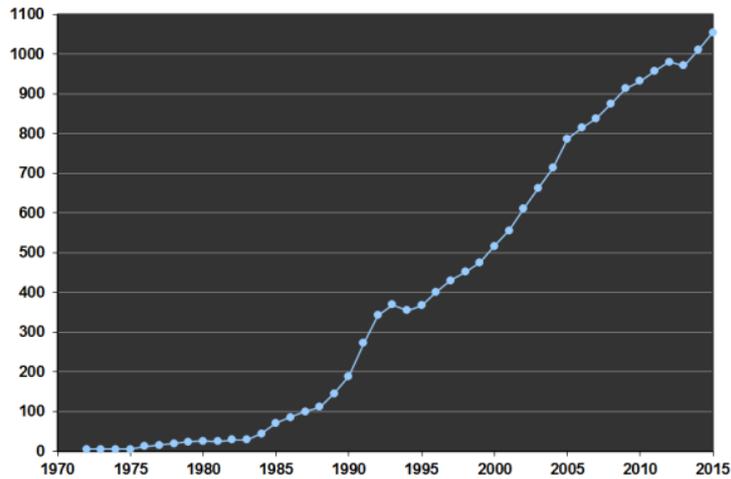


Gráfico 1 - Número de membros da empresa *Alcor*

(Fonte: <http://www.alcor.org/AboutAlcor/membershipstats.html> acesso em abril de 2016)

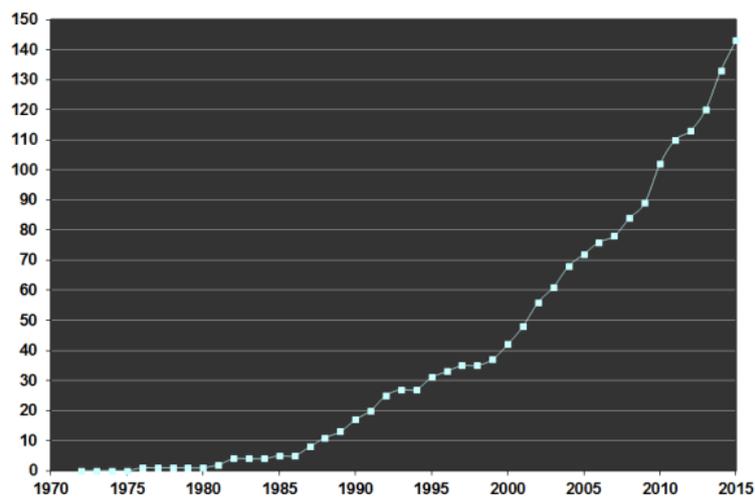


Gráfico 1 - Número de pacientes da empresa *Alcor*

(Fonte: <http://www.alcor.org/AboutAlcor/membershipstats.html> acesso em abril de 2016)

Do ponto de vista geográfico, há uma clara polarização a respeito da detenção das técnicas de criônica: todas as empresas, com exceção da KrioRus (Rússia) são americanas. Tal fato pode estar relacionado ao momento em que as práticas de criogenia começaram a ser pesquisadas. Afinal, foi em meio à turbulência do pós-guerra que foi iniciado o estudo de baixas temperaturas.¹⁵

Já o princípio da criônica teve fundamento a partir de casos de pessoas (e animais) que, após longas horas em lagos congelados, mantiveram-se vivos, funcionando em um estado em que “quase não precisavam de oxigênio”¹⁶.

Em linhas gerais, o processo de congelamento artificial dos corpos, tal como vem sendo realizado por essas empresas, inicia-se no momento em que o sujeito encontra-se em estado

¹⁵ Sobre isso, ver *The Prospect of Immortality*, lançado em 1964 por Robert Ettinger, considerado o "pai da criogenia".

¹⁶ Além dos casos de pessoas que sobrevivem após períodos debaixo de rios e lagos congelados, é válido lembrar que os embriões utilizados para a fertilização in vitro são quase sempre congelados e quando retornam deste estado, estão plenamente utilizáveis e geram crianças saudáveis.

terminal. É necessário, primeiramente, aguardar a morte “legal do *paciente*”, ou seja, aguardar que as funções cerebrais alcancem os menores níveis permitidos pela legislação vigente.

Os *pacientes* dessas empresas são identificados com *tags* em pulseiras ou colares para que em caso de necessidade, os médicos ou socorristas sigam os procedimentos adequados que permitam a continuidade do processo da melhor maneira possível.

Nessas condições de baixa atividade, os médicos simulam de maneira artificial as funções cardiorrespiratórias, de maneira a manter o cérebro irrigado e oxigenado. A intenção é evitar danos nas estruturas, que pretendem ser posteriormente revividas. Em seguida todo o líquido do corpo é retirado e substituído por Glycerol, que é uma substância Crioprotetora¹⁷, e não irá expandir ou vitrificar quando as temperaturas baixarem muito abaixo de 0°C.

Ao final dessa preparação (que em média leva quatro horas), o *paciente* é levado para uma “cama” de gelo, onde terá sua temperatura diminuída lentamente até chegar a 130 graus negativos. Por fim, o corpo será acomodado em um container e depositado em um grande tanque com nitrogênio líquido e outros gases, sendo submetido a uma temperatura que gira em torno de 196 graus negativos. Vale notar que os corpos sempre são conservados de cabeça para baixo para que em caso de vazamento, o cérebro permaneça sempre protegido pelo líquido.

Todas essas informações podem ser obtidas nos sites das empresas especializadas, e mostram como o congelamento do corpo é tratado a partir de um viés estritamente técnico. O corpo é manipulado, substituído em sua própria corporeidade, resfriado, manipulado laboratorialmente. No limite, é colocado de “cabeça para baixo”, uma vez que está “na cabeça” sua parte “mais valiosa”. E preservá-la é fundamental, já que o resto do corpo é visto como o “corpo da cabeça”.

Seguindo nessa mesma perspectiva de fragmentação do corpo, temos também a criônica parcial, que realiza o congelamento apenas da cabeça do paciente. Tida como uma versão mais “econômica” do procedimento, essa opção parte do pressuposto de que todas as memórias, conhecimento, emoções e personalidade estão alocadas no cérebro, logo, essa cabeça poderia ser reimplantada num corpo qualquer, preservando e ressuscitando o indivíduo que optou pelo congelamento craniano. Em paralelo, são realizados investimentos em técnicas que permitiriam, ainda, conectar a “mente descongelada” fora do corpo, num computador ou androide, por exemplo.

Essas possibilidades de fragmentação do corpo aproximam-se das considerações de Rose (2013) a respeito do corpo molar: um corpo que pode ser decomposto, subdividido e repartido ao extremo da partícula, como se estivesse nesse elemento invisível “aquilo que somos”. Dessa maneira, mais do que preservar tecidos, órgãos, células, o que está em jogo é uma ideia de identidade biológica (ROSE, 2013) bastante reveladora de acepções contemporâneas do humano.

Do ponto de vista do discurso publicitário desses serviços, é interessante notar o apelo emocional “irrefutável” da política de precificação. Ao mesmo tempo em que o discurso publicitário

¹⁷ Substancias Crioprotetoras tem como objetivo proteger tecidos dos prejuízos causados por temperaturas extremamente baixas.

da criônica se vale da máxima de que "a vida humana não tem preço" na sequência costumam ser apresentadas cotações monetárias referentes ao congelamento. Seria a "precificação" do "imprecificável" na mesma sentença.

Dentre todas as peculiaridades, a Criogenia oferece, nas palavras de uma clínica especializada (Cryonics Institute)¹⁸: "*Another chance at life*", ou seja, da mesma forma em que nos habituamos a dispor de um mecanismo de "*reinício*" nos emuladores virtuais, agora, em tese, temos essa oportunidade estendida à vida. Não se trata de uma "nova vida", mas sim de uma prorrogação desta, inclusive com a personalidade e mentalidade preservadas, tudo evidentemente, na teoria.

About Cryonics



Cryonics is a visionary concept that holds out the promise of a second chance at life - with renewed health, vitality and youth.

The concept of cryonics was introduced in 1962 by the Founder of the Cryonics Institute, Robert Ettinger, in his landmark book "*The Prospect of Immortality*."

Cryonics involves cooling a recently deceased person to liquid nitrogen temperatures in order to keep the body preserved indefinitely. Our goal is to keep the patient preserved until future science is able to repair or replace vital tissues and ultimately revive the patient. It might seem like an impossible goal to "revive" a "dead" person. However, "dying" is a process rather than an event. A majority of the body's tissues remain intact at a cellular level even after the heart stops beating. The goal of cryonics is to halt that process as quickly as possible after legal death, giving future physicians the best possible chance of reviving the patient. This may include repairing or replacing damaged tissues and even entire organs using advanced computer, nanotechnology and medical equipment and procedures.

We believe that this will happen in a future where our lifespans can be significantly, even radically, extended.

Since 1962, the average lifespan has increased dramatically. Nanotechnology (which holds the promise of future biological repair) has become a major industry. Prominent companies, including Google, have begun focused efforts to retard and reverse aging. The promise of cryonics is becoming more apparent and more exciting.

We encourage you to explore this web site, get the facts and judge for yourself whether or not cryonics is right for you.

Figura 1 - "*Another chance at life*"
(Fonte: <http://www.cryonics.org/about-us/>, acesso em abril de 2016)

A partir destes primeiros apontamentos sobre os serviços de criônica, é possível observar como tais práticas de comercialização configuram uma nova modalidade de capitalização do humano. Tal como sugere Santos (2003) estamos diante de uma "outra humanidade", na qual passamos a consumir a própria vida como um bem alocado no futuro. Dentro desse novo cenário, torna-se fundamental refletir sobre o estatuto do corpo, observando como essas tecnologias de resfriamento nos colocam diante de novos desafios epistemológicos.

Não há como negar que o princípio da oferta criônica é no mínimo curioso, pois ao mesmo tempo em seu serviço tem na morte sua "matéria prima" e seu "benefício" estaria relacionado justamente à supressão ou suspensão desse ocorrido. Com isso, a criônica apresenta-se como um serviço "para" a morte e "contra" a morte, absolutamente único, sobre o qual emergem difíceis questões de ordem biopolítica.

¹⁸ Disponível em < <http://www.cryonics.org/> > acesso em março/2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo sustentamos a ideia de que, na contemporaneidade, ocorre uma resignificação da maneira como o sujeito contemporâneo vem percebendo o corpo, a passagem do tempo e a morte. Esse processo não ocorre com exclusividade no século XXI, já que ao longo da história foram igualmente diversas as acepções que surgiram em torno dessas mesmas questões. Contudo, nosso interesse era investigar de que forma a oferta criônica está inaugurando novas discussões desses temas.

Para desenvolvermos nossa análise, então, valemo-nos do viés dos estudos de biopolítica a fim de estruturarmos uma linha de raciocínio na qual é possível pensar a vida, na atualidade, como uma espécie de projeto em aberto, cujo investimento deve ser cuidadosamente realizado. Apresentamos, então, a figura do *self*-empreendedor como aquele que administra a vida dentro de uma lógica especulativa, na qual é preciso exercer autocontrole e autodomínio. Falamos então sobre o medo da morte e as tentativas de driblá-la. Finalmente, chegamos aos serviços de criônica, apresentando em linhas muito gerais suas características.

Convém ressaltar que nosso propósito neste trabalho foi introduzir uma pesquisa exploratória. Pretendemos desenvolver outras análises, mais detalhadas, sobre os serviços de criônica e chamamos a atenção para a importância dessa temática para diversos campos do saber.

Pensando nas implicações de mercado desse tipo de oferta, acreditamos que a criônica, para além de seus embates éticos, desperta o interesse de um número bastante elevado de pessoas. Afinal, temos aproximadamente 500 corpos em estado de suspensão, na atualidade, e na faixa de três mil membros que demonstraram interesse em realizar o procedimento, tendo sido aprovados em vários critérios para se tornarem “pacientes” no futuro.

Aqui, vale lembrar que os “pacientes” das empresas criônicas encontram-se em um estágio biológico que varia de acordo com a perspectiva: são corpos sem atividade cerebral ou cardíaca, que poderiam ser decretados mortos. Porém, em função da expectativa da evolução dos campos médico-científicos, é como se eles pudessem ser identificados como “vivos em potencial”. Em outras palavras, é como se esses corpos não estivessem vivos, de imediato, mas carregassem em si a “capacidade” de “ressuscitarem” e voltarem para o “mundo dos vivos”.

Assim, as empresas se pautam pela crença de que a morte não é um evento, mas sim um processo, já que poderia (um dia) ser cessado, ou desacelerado.

Finalmente, lançamos a seguinte provocação: será que, tal como um paciente de UTI que possui uma grave doença ou quadro hospitalar delicado, e é prognosticado com um quadro

reversível apesar de sua situação limítrofe entre a vida e morte, não estariam em situação análoga os corpos congelados pelas técnicas criônicas?

Será que há alguma proximidade entre esses dois tipos de “pacientes”? Tal como a UTI, seriam esses refrigeradores humanos um lugar de possibilidade de vida?

Essas perguntas nos interessam justamente por levantarem questões de difícil abordagem e com isso, evidenciarem a infinidade de discussões que pode suscitar um objeto de estudo como esse. Como postula Rose, o “progresso humano” no campo da biopolítica ainda tem muito que evoluir, pois mais do que preservar tecidos, temos que nos indagar sobre a integridade da ética e humanidade nesses processos.

Temos que politizar tais fenômenos de mercado que se manifestam na atualidade e exigem fôlego para debates e discussões que antes do simples juízo de valor, deem conta de reconhecer tais práticas dentro de um complexo sistema de poder e gestão do corpo, no qual a morte está sendo negociada. Quanto a isso, não há dúvidas. Seja no campo semântico do discurso da oferta criônica, seja na prática de resfriamento da vida, quase que no sentido literal, o fato é que estamos diante de grandes desafios teóricos para os quais é necessário dedicar-se.

BILBIOGRAFIA

ARIÈS, P. O Homem perante a morte. Portugal: Publicações Europa América. 2000.

BAUMAN, Z. Medo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. Tempo Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs-capitalismo e esquizofrenia. Rio de janeiro: Ed 34, 1995.

ETTINGER, RCW. The prospect of immortality (disponível em: <http://www.cryonics.org/book1.html>), 1964.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petropolis, RJ: Vozes 2008.

HOLTZ, A. C. e MAZZILLI, P. A vida futura: reflexões sobre o controle de risco na campanha ‘vai que...’ da Bradesco Seguros. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vila Velha, 2014.

LEMINSKI, P. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PY, L. De estrelas e brilhos infinitos. A terceira Idade. São Paulo: SESCSP, v. 17, n. 35, p. 1-17, 2006.

ROSE, N. Inventando nossos Selves: Psicologia, poder e subjetividade. Petropolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

ROSE, N. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo, Paulus, 2013.

SANTOS, L. G. Politizar as Novas Tecnologias. São Paulo: Ed 34, 2003.

SIBILIA, P. O Homem Pós Orgânico: Corpo, Subjetividade e Políticas Digitais. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, P. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 25, 2006.

Sites consultados:

www.cryonics.com

www.alcor.org

www.americancryoinics.org

www.kriorus.ru/en

www.transtime.com